



## Diálogos para a América Latina

*Wilfredo Penco, presidente da Academia Nacional de Letras do Uruguai*

Minha primeira saudação vai dirigida ao Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras, o poeta Marco Lucchesi, e aos demais membros dessa corporação, assim como aos colegas que participam dessa feliz iniciativa intitulada “Diálogos Para a Cultura da América Latina”. Quero compartilhar algumas reflexões em torno deste tema importante, começando por dizer que, de igual modo que outras áreas produtivas e de circulação na sociedade uruguaia e latino-americana, a atividade cultural tem sido severamente afetada em todas as suas manifestações como consequência da pandemia que determinou a declaração de emergência sanitária a nível continental. Desde o mês de março, foi decretada a suspensão de espetáculos, e isso acarretou no cancelamento de todos os tipos de atividades artísticas, recreativas e culturais em geral, destinadas a públicos diversos e em espaços tanto abertos como fechados.

Em particular as artes cênicas, de tão enraizado prestígio e tradição no Uruguai, como as expressões musicais, cujas qualidades convocam a adesão e o aplauso de variados setores, vêm sofrendo o impacto da crise gerada. A incerteza que se projeta a curto e médio prazo abarca, não somente o adiamento ou reprogramações, como também coloca em dúvida a própria manutenção das atividades cênicas e os respectivos públicos presenciais nos termos conhecidos e durante um período indeterminado.

Os cancelamentos durante meses e, em alguns casos, sem previsão de retorno, de concertos, festivais, turnês, teatros, danças, músicas ao vivo, deram lugar a múltiplos prejuízos à comunidade artística, que inclui atores, técnicos, diretores, produtores, dançarinos, instrumentistas, cantores, etc. Embora não tenha estritamente as mesmas características, várias similaridades desse padecimento alcançaram também a atividade audiovisual, em particular a



cinematográfica, sobretudo desde o ponto de vista do seu desenvolvimento e nos aspectos locativos e de exibição. O patrimônio excepcional da cinemateca uruguaia inclui-se, por exemplo, entre os assuntos que, por sua índole, requerem uma atenção especial. Outro dos setores culturais com mais perdas foram o editor e o livreiro, tão queridos que, a partir do trabalho intelectual de poetas, narradores, dramaturgos, ensaístas, historiadores, divulgadores científicos, entre outros, abarca um ciclo até há pouco tempo consolidado, devido a sua produção destacada e o importante consumo em escala e que tem entrado nas últimas semanas na zona de principal risco. O fechamento, ainda transitório, de livrarias e editoriais, com a redução a uma exígua atividade no âmbito do livro, também se repete no caso de galerias, espaços de exposição e circulação das artes plásticas ou visuais, em um país como o Uruguai de artistas tão relevantes. O Estado uruguaio, o Estado em geral, caracterizou-se ao longo da sua história como um apoio fundamental e insubstituível da cultura.

A institucionalidade construída durante o século XIX, durante o século XX e nessas duas primeiras décadas do século XXI, dá conta de importantíssimas redes de museus, bibliotecas, arquivos, teatros, complexos culturais, centros de difusão, companhias teatrais, conjuntos sinfônicos e de dança, espaços e escolas de arte, publicações, fundos e incentivos para a criação, a pesquisa e a difusão, tanto no âmbito do governo nacional, quanto dos governos estaduais.

Sem desmerecer empreendimentos e iniciativas de outras espécies, a presença protagônica do Estado, garantida pela força da sua gestão, resulta, mais do que nunca, decisiva nesta difícil etapa em que a cultura necessita potentes apoios e impulsos para sua recuperação. As circunstâncias excepcionais, que atualmente condicionam o desenvolvimento social e econômico, obrigam o Estado, em todos os níveis de governo, a um novo e fundamentado modelo de políticas culturais que atendam, em primeiro lugar, as precariedades mais notórias. Isso implica um grande esforço de coordenação de diversas instâncias, de tal modo a aproveitar o máximo dos recursos já disponíveis e uma readequação de alinhamentos orçamentários que fortaleçam a redução de



insuficiências e de necessidades, sem perder de vista o conjunto de demandas e dos projetos com uma perspectiva estratégica. Nesse quadro, convém definir prioridades que contemplem e enfatizem as áreas mais expostas e vulneráveis, a tempo de manter uma orientação firme e inclusiva sobre a globalidade e variedade dos assuntos a considerar na matéria. O eixo diz que a política deveria partir, sobretudo, do reconhecimento dos grandes serviços que a atividade cultural presta à sociedade com tantos exemplos solidários, formadores e estimulantes que acabam sendo muito necessários quando, em períodos como o que estamos vivendo, funcionam como apoio compensatório para aguentar o isolamento social forçado. O desafio que se tem pela frente, além de exigir um sentido renovado de criatividade e a busca de alternativas inovadoras nas modalidades de criação e difusão cultural, também exigem se aprofundar nas relações da cultura como sistema educativo, apelar a plataformas e outros meios digitais como instrumentos imprescindíveis de comunicação e promoção, e incentivar o apoio privado iniciado nas associações civis, sindicatos, fundações, empresas, instituições dispostas a contribuir no atual momento.

Para concretizar essas definições básicas, mesmo quando a responsabilidade final, como convém, deverá ficar nas mãos dos que desempenham a função governamental, sempre será pertinente realizar uma pesquisa prévia e completa dos requisitos a cumprir e convocar uma reunião que envolva a mais ampla participação dos partidos políticos, setores sociais e, principalmente, dos agentes culturais que com seu trabalho protagonizam não só uma forma pessoal de vida, mas também a própria atividade cultural da comunidade. Conscientes da inflexão histórica em que nos encontramos, é necessário estabelecer, entre todos, uma norma construtora, ponderada e livre de preconceitos, critérios pragmáticos e capacidade de ajuste aos novos contextos, leituras que reconheçam as mudanças que a pandemia trouxe consigo nos mais diversos planos, projetados sobre o presente e o futuro. Em síntese e em consonância com a dimensão crítica da emergência sanitária, impõe-se a política de Estado no que diz respeito à cultura como caminho para



enfrentar o desafio dessa complexa e interpelante realidade. Um abraço a todos.